Hoje os descendentes dos americanos "exilados" no Brasil relembram a Secessão

Sta. Bárbara guarda a memória dos Confederados

Marcel Cheida
Fotos:
José de Oliveira

— Nossos avós não vieram como imigrantes. Vieram como exilados.

E' Judith Jones, tia da compositora Rita Lee, contando o início da saga dos sulistas confederados, que após perderem a guerra da Sucessão nos Estados Unidos, embarcaram para o Brasil, exilando-se naquela época, 1866, na Vila de Santa Bárbara (atual Santa Bárbara d'Oeste, a 45 quilômetros de Campinas).

Esse depoimento de Judith Jones, que escreveu um livro sobre o primeiro e único grupo de norte-americanos que formou colônia e descendentes fora de seu País, vem contradizer a versão corrente da história:

— Eles (os exilados) sairam dos EUA para fugir da imposição dos nortistas, os ianques. Não quiseram jurar fidelidade aos vencedores da guerra. Por isso, a palavra imigrante deve ser revista. A denominação mais correta seria exilados.

E esse pensamento é reforçado pelo marido de Judith, Jaime Jones, para quem os confederados não queriam ver sua honra ultrajada pelos nortista.

Eles foram os responsáveis por importantes mudanças nos hábitos, pensamentos e descobertas no Brasil. Por exemplo: foram os sulistas confederados que introduziram entre os brasileiros a cultura e a semente da melancia (variedade da Geórgia) em escala comercial, o arado e sulcadores de tração animal (até então o brasileiro usava enxadas nos trabalhos da lavoura), o trole com o eixo dianteiro móvel para dar maior mobilidade ao veículo, a nóz pecan, o eucalipto de variedade australiana.

Também para cá trouxeram hábitos de higiene sanitária e novos métodos odontológicos. Porém, a cultura do algodão e subsídios para a implantação da escola pública no Brasil são consideradas as contribuições mais importantes dos confederados norte-americanos para o Brasil.

Seus descendentes continuaram sua saga e alguns até se tornaram famosos, como a compositora e cantora Rita Lee Jones, George Steward, presidente da GoodYear do Brasil e outros.

E hoje, dia 15, todos herdeiros do grupo de exilados deverão se reunir no Cemitério do Campo, em Santa Bárbara d'Oeste, relembrando memórias dos Green, Britt, Mc Knigrt, Miller, Vaughn, Mc Fadden, Towsend, Lee, Jones, Cullen, Pyles, Whitaker, Norris e muitos mais. Foram os primeiros destas famílias a aportarem ao Brasil, preferindo fugir dos ianques a jurar fidelidade a eles, vencedores de uma guerra que devastou suas propriedades. Eles quiseram ser brasileiros. E seus descendentes estão satisfeitos com isso.

Judith Mac Knight Jones, conta a história dos confederados no Brasil.

A cada três meses todos se reunem no Cemitério do Campo

A Fraternidade de Descendência Americana se reúne a cada três meses. Hoje, no seu local tradicional de reunião, lá estarão todos descendentes dos confederados que perderam e Guerra da Secessão. No Cemitério do Campo, na área social, levarão doces, salgados e bebidas tradicionais da sterras de seus antepassados. Todas as famílias — atualmente não se sabe exatamente quantas pessoas integram a Fraternidade, mas sabe-se que no Brasil vieram para ficar, em 1866, 350 sulistas. Vieram mais, cerca de 3.000, mas a maioria não se adaptou ao País e voltou para lá — levando frango frito, "biscuit", broa, pernil assado e as famosas tortas de maçã ou outras frutas. Contudo, a tradição proíbe a bebida alcoólica, já que quando os primeiros norte-americanos vieram para cá, a sua religião, a Protestante, Metodista ou Batista, não permitia o uso de bebidas alcoólicas.

São descendentes que atualmente moram em várias regiões do Estado de São Paulo, do Rio de Janeiro, Minas e outros Estados brasileiros.

O Cemitério do Campo é o local de encontro dos descendentes com seus antepassados. É o único Cemitério típico do sul dos EUA fora daquele País.

Judith, vivendo o passado, escreveu o livro do presente

— A senhora gosta de lembrar o passado? perguntou o repórter fotográfico José de Oliveira para a autora do livro "O Soldado Descança", Judith Mc Knight Jones. Ela respondeu: "Eu vivo o passado".

Judith Jones levou oito anos para pesquisar e relatar num livro de 426 páginas "Uma Epopéia Norte Americana sob os Céus do Brasil'. Apaixonada pela história dos antepassados, gosta, todavia, de afirmar enfática: "Somos todos brasileiros, mas não deixamos de lado em momento algum a memória do passado".

Judith lembra que os descendentes dos sulistas estão em toda a parte do País. Inclusive em Campinas, onde residem os Mc Faddem e outras famílias. E há descendentes com sobrenomes de outras nacionalidade. E cita um exemplo: "o vereador José Paulo Picoloto Naccarato tem uma avó descendente de americanos. Seu sobrenome é Dren".

Atualmente, Judith trabalha na genealogia dos norte-americanos e seus descendentes, elaborando estudos para o Instituto Genealógico do Brasil.

Ela também está a frente da organização de um Museu e já possui inúmeras peças antigas e autênticas trazidas em 1866 pelos sulistas. Só que falta muito para montar o Museu como pretende, pois necessita de verbas para isso.

Profissão liberal, uma tradição que ainda é mantida

Hoje, os estudantes dos sulistas confederados integram desde a segunda até a quinta geração. A descendente mais idosa se chama Elisabeth Mc Knight, chamada carinhosamente por "Lizzie" e está com 101 anos de idade. Lúcida, conta que esteve duas vezes durante a década de 50 na terra de seus pais, os EUA.

— Há muita diferença entre lá e aqui, comenta Lizzie ao lado de suas bisnetas, que têm idade 5 e 7 anos.

E os descendentes, com o orgulho dos antepassados, estão pelo Brasil. Desde a mais famosa, Rita Lee, até os menos conhecidos, eles formam a terceira e a quarta geração. São agrônomos, advogados, engenheiros mecânicos, dentistas e médicos.

Essas profissões, todas liberais, são conseguidas por eles que seguem a tradição. No sul dos EUA, durante e antes da guerra, os grandes agricultores mandavam seus filhos para a Europa estudar. Voltavam formados advogados, médicos, dentistas, engenheiros. Aqui no Brasil, a tradição permaneceu. Enquanto que os imigrantes ficavam trabalhando em suas terras adquiridas logo que chegavam, seus filhos iam estudar. "A abnegação à terra e aos estudos é muito forte entre eles", armenta Judith Jones.

Allison Jones é um desses descendentes. Olhos azuis, estatura média, Allison possui uma oficina mecânica, onde vive pesquisando e tentando invadir mecanismos, que foram reconhecidos tanto pela Universidade de São Paulo, como por empresas de grande porte, como Clark e Nardini, que precisam de peças para transmissão de velocidade.

Allison, sua esposa Heloisa e suas duas filhas, mantém muitos hábitos herdados de seus pais, que herdaram de seus avós, que herdaram dos bisavós. Gosta do campo, fala inglês fluentemente, conhece as histórias do passado, tem uma casa com varanda, como tinham as do Sul dos EUA. Também gosta das guloseimas tradicionais da região do Estado do Alabama, de onde veio a maioria dos sulistas para o Brasil.

Com eles veio a tecnologia que interessava a D. Pedro II

Os norte-americanos trouxeram para o Brasil, além de trabalho, tecnologia. Foi a primeira e única vez na história das relações entre Brasil-EUA que houve transferência de tecnologia à qual o nosso País não pagou «royalty» algum.

Como os sulistas eram tradicionais agricultores, eles para cá vieram com conhecimentos que o Brasil ainda não possuia. Desde o cultivo do algodão até o «trolley», passando pelo arado e sulcador puxados por animais, a contribuição foi grande.

Segundo relata a história, quando estava no fim a guerra da Secessão, o Brasil já pensava e trazer para cá imigrante norte-americanos. Dom Pedro II, muito hábil, já aceitava a libertação dos escravos. Mas, para isso acontecer definitivamente, precisava substitui-los por outro tipo de mão-de-obra. Então, começou a fazer fora do Brasil intensa propaganda do País, a fim de atrair imigrantes.

Como a guerra da Secessão obrigou aos perdedores a sairem de suas terras, Dom Pedro II viu uma ótima oportunidade para importar gratuitamente a tecnologia da cultura algodoeira. Naquele final de século, havia dois importantes países no mundo produtores de fibra de tecidos: os norte-americanos do Sul com o algodão e os chineses, avançados fabricantes de seda.

Dom Pedro ordenou a instalação de um escritório nos EUA, coordenado pelo ministro Joaquim Nabuco, que conseguiu disseminar a propaganda de imigração brasileira. Aliada à vontade dos vencidos em deixarem o Sul dos EUA, conseguiu-se trazer para a América do Sul o cultivo do algodão.

CONTRIBUIÇÕES

Mas, os confederados também trouxeram outras coisas. Como o arado, por exemplo. Em seu livro «O Soldado Descança», Judith Jones relata episódio curioso:

«Foi a influência do arado de Meriwether que aboliu para sempre o uso do arado arcáico que os brasileiros conheciam(...). Certa ocasião o Dr. Barnsley estava em Tatuí, pediu e implorou que fossem ver como funcionavam o arado americano, pois eles só usavam a enxada, ao que eles responderam: «Nos temos um arado. O sr. não viu um em exposição na cidade?» Despertaram-lhe a curiosidade e ele foi ver o que era. Deparou com um tronco de madeira de uns três ou quatro metros, com um gancho numa das pontas e um pau espetado que servia de cabo. Já tinha visto essa geringonça inúmeras vezes e não sabia porque estava ali, atravancando o caminho; lembrou-se de ter visto uma coisa igual nas velhas Bíblias ilustradas...(...). O arado americano era leve e de fácil manejo. Tinha dois cabos na altura certa das mãos para conservar o equilíbrio e a parte que ia na terra era de ferro, consistindo num bico afiado que se apoiava na terra e de uma espécie de asa que a levantava e tombava de lado».

Enquanto que o arado brasileiro precisa de uma junta de animais e dois homens, uma para guiar os bois e outro para dirigir o instrumento, o americano necessitava somente de um cavalo ou boi e uma pessoa e produzia com mais rapidez e eficiência.

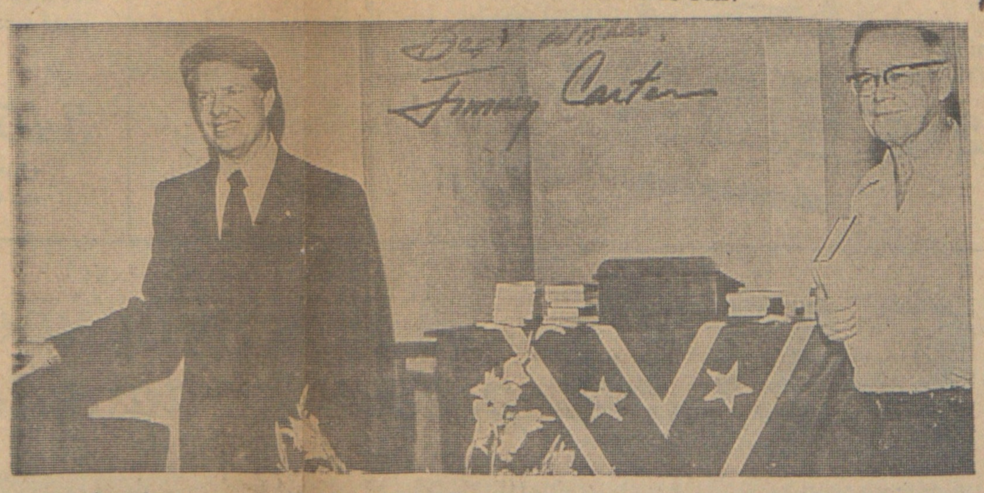
Mas, os americanos não tinham entre eles quem fizesse a manutenção dos instrumentos ou que construisse outros. E em Santa Bárbara puderam encontrar alguém. Duas oficinas no início do século consertavam carroças e forjavam ferro. Foi ali, na forjaria do velho José João Sans e na oficina de Américo Emílio Romi, que os americanos levaram seus arados. Consertando-os, esses dois pioneiros conseguiram colher a nova tecnologia e ambos puderam iniciar duas grandes empresas, a José J. Sans Máquinas Agrícolas e as Indústrias Romi.

Lizzie, com 101 anos, faz parte da segunda geração.

Na área do ensino fizeram surgir o Colégio Mackenzie

O presidente Prudente de Moraes introduziu no Brasil as escolas públicas. Seus filhos tiveram a chance de estudar no Colégio Piracicabano, fundado em 1881, por pastores metodistas trazidos para o Brasil pelos imigrantes, que não encontraram aqui professores para seus filhos. No Brasil, o uso da língua inglesa não existia e isso trouxe dificuldades para eles E não só o Piracicabano foi fundado pelos americanos. A antiga Escola Americana, fundada em 1870, hoje é conhecida como Universidade Mackenzie. E aqui em Campinas, eles fundaram um dos mais tradicionais colégios da cidade, o Internacional, em 1868.

Também a Escola Superior de Agricultura "Luís de Queiroz" em Piracicaba, teve em sua fundação a participação de norte-americanos. Green Mc Fadden teve um filho de nome Lee. Para o brasileiro, a pronúncia do sobrenome era um tanto dificultosa. Por isso, chamaram Lee de Luís do Green. Este, tornou-se administrador da fazenda de Luís de Queiroz. E lá, como conhecedor das técnicas agrícolas do Sul de seu país de descendência, Luís introduziu muitos conhecimentos. E deles, Luís de Queiroz aproveitou para dar início ao que é hoje a maior escola de Agronomia do País.



Quando era governador da Georgia, Jimmy Carter, visitou, em 1973, com sua esposa, Rosalin, o túmulo do tio-avô da primeira dama daquele Estado, no Cemitério do Campo

"Os sulistas nunca foram escravagistas" afirma Jaime Jones

Jaime Jonas, de 76 anos, é filho do doutor Cícero Jones, médico e pessoa responsável pela introdução da confecção de tecidos em seda na cidade de Americana, em 1924.

Jaime mora numa chácara, em Americana, onde cuida das mangueiras, flores e da grama do jardim. Ele, quando tem alguém para escutar suas reminiscências, puxa uma cadeira na varanda da casa, ao lado de Judith, sua esposa, e inicia um papo que pode levar horas.

— Nós nunca fomos escravagistas como os nortistas nos apresentam. Sei que os que vieram para o Brasil não puderam trazer seus escravos, que queriam vir para cá com os patrões. Naquela época, Dom Pedro II já havia proibido a entrada de escravos no País e já havia um trabalho para libertar todos. Por isso, os confederados chegaram no Brasil e aqui é que tiveram que encontrar escravos para cuidar de suas lavouras.

E Jaime, como sua mulher o chama, pois é um nome brasileiro, explica que os sulistas consideravam os negros como crianças em seus costumes. Assim, os tratavam muito bem. E esse tratamento levou muitos escravos a adotarem os sobrenomes dos patrões. Por exemplo, em Vila de Santa Bárbara havia duas famílias: os Bowen e os Britt. Tinham escravos a quem cuidavam com carinho, segundo James. Por esse motivo, os negros adotaram os dois sobrenomes. Mas, como para os brasileiros era difícil pronunciá-los, houve uma modificação e esses dois nomes se abrasileiraram. O primeiro passou a ser chamado de Bueno e o segundo Brito.

— Os americanos do Sul olhavam os escravos como crianças, como um ser em desenvolvimento, por isso cuidavam bem deles.

E James também observa que seu pai, médico, sempre cuidou da saúde dos negros, bem como eles aprenderam a falar inglês, mesmo sendo brasileiros.

A PRIMEIRA MORTE

Porém, a família Oliver, marido, esposa e duas filhas, não teve o mesmo sucesso com os negros aqui encontrados. Certa manhã, em 1872, o sr Oliver se vestia para ir à missa. Demorou mais que o usual para se vestir. Quando estava de saída de sua casa, em sua fazenda na divisa dos municípios de Santa Bárbara D'Oeste e Monte Mor, ele ouviu barulhos no quintal. Foi até lá e pegou em flagrante alguns negros roubando batata-doce. Ralhou com eles, mas um avançou em cima de Oliver e o matou com uma enxada. Ele foi enterrado, como mandava a tradição rural sulista: próximo à sua casa, juntamente com a esposa e duas filhas que já estavam enterradas.

O CEMITÉRIO DO CAMPO

Dois anos após as primeiras famílias de norte-americanos aportarem em 1866, em Santos, surgiram as primeiras mortes. A esposa e duas filhas do sr. Oliver faleceram em virtude da tuberculose que contraíram. Como viviam praticamente isolados, e a colônia norte-americana ainda não estava totalmente organizada, elas não tiveram a chance dos cuidados médicos que outros seus compatriotas tiveram.

Assim aparece o Cemitério do Campo, logo na divisa de Santa Bárbara d'Oeste com Monte Mor. Ali estão enterrados os primeiros e os descendentes dos confederados que para cá vieram com todo seu orgulho. O Cemitério do Campo é construído sobre as lápides dos primeiros mortos, porque a Igreja Católica proíbia que Protestantes Batistas e Metodistas fossem enterrados em cemitério Católico. Por isso, os confederados foram obrigados a enterrem seus mortos onde os primeiros já estavam descansando.

Entre os jazigos, qualquer visitante pode perceber que a grande maioria dos mortos é formada por adultos. Apenas uma criança, que morreu em 1868, mas depois dos Oliver, está ali enterrada. E os descendentes deles contam que quando seus antepassados vieram para cá trouxeram médicos e noções de higiene sanitária que ainda não havia no Brasil. Por isso, enquanto os cemitérios brasileiros recolhiam corpos de muitas crianças, no Cemitério do Campo podia-se perceber lápides com nomes de adultos somente.

E Judith Jones fala sobre esse lugar tradicional e histórico, com muita paixão "Aqui tudo é simples. Não há ostentação nos túmulos. Muitas árvores e flores em sua volta. E todos descendentes e integrantes da Fraternidade que visitam o Cemitério, quando em idade avançada, gostam de escolher o lugar para serem enterrados. Inclusive, eu já escolhi o meu".

E é ali nesse lugar que Judith aponta um símbolo, talvez o mais apropriado, para mostrar a integração entre os norte-americanos do Alabama e os brasileiros.

— Quando vieram para cá eles trouxeram sementes de pinheiros. E aqui as plantaram juntamente com os coqueiros encontrados e que são plantas nativas do Brasil. Eu acho isso muito simbólico.

Escritor, a grande lacuna do 3.o Congresso de Leitura

Os escritores não fizeram bonito neste 3.o Congresso de Leitura do Brasil, que se realiza no Centro de Convivência desde sexta-feira e que se encerra hoje às 14 horas, reunindo professores e técnicos da área de todo o país. Na sexta houve uma grande ausência, não justificada: a do romancista Inácio de Loyola Brandão; e ontem, um dia de debates acalorados, a lacuna foi provocada pela falta do contista Wander Pirolli, que também não se justificou. O súbito aparecimento do teórico da Comunicação José Marques de Mello, entretanto, compensou a falta de Pirolli, embora Marques não participasse dos debates. Para hoje, eram esperados pelo menos dois nomes consagrados da área das letras: o também deputado Fernando Morais e o poeta Moacyr Félix, editor da revista Encontros com a Civilização Brasileira.

Apesar desses tropeços, a opinião dos mais de 500 congressistas — no ano passado, eram — 230 — era de que o 3.o COLE superou em muito os anteriores e que mesmo o temário, este ano, foi muito mais rico e interessante. Mesmo a realização da Feira do Livro dissociada de feiras paralelas (como a Feira do Verde, que, desmembrada, foi parar no Largo do Rosário), foi vista com bons olhos por quem esperava ver um Congresso inteiramente dedicado à leitura.

Mas o maior saldo do encontro parece ter sido a formulação de uma proposta para a criação de uma Associação nacional de estímulo à leitura, apresentada pelo professor Ezequiel Monteiro, da Unicamp, que espera fazer do projeto algo parecido com as grandes e influentes fundações culturais européias, "com adaptações aos nossos recursos às necessidades brasileiras".

Um autor novo está falando de sua obra

Discreto, Sérgio Caparelli circulou durante dois dias pelos corredores do Centro de Convivência como um ilustre desconhecido, um congressista a mais. Ontem, entretanto, já não eram poucos os que sabiam identificar nele um dos mais celebradores escritores de público infanto-juvenil do país. E hoje, às 9,30 horas, ele atua como um dos convidados do 3.o Congresso de Leitura do Brasil, em mesa-redonda onde se sentarão também Fernando Morais, Moacyr Félix, Moacir Gadotti e Jacó Bittar.

Aos 34 anos, o mineiro Sérgio Caparelli, há 13 anos morando em Porto Alegre, onde é professor de jornalismo, «explodiu» como um nom ede primeira linha da literatura infanto-juvenil com «Meninos da rua da praia», lançado no ano passado e já na quarta edição. A novela foi adaptada recentemente para a televisão, no Rio de Janeiro, e o nome de Caparelli, a partir daí, projetou-se nacionalmente.

O que não quer dizer que, antes disso, Sérgio fosse o tal «ilustre desconhecido». Ele já havia publicado três livros de literatura para adultos — «Favela S.A.», «Quebra-quebra e «Andrômeda» — e um pequeno volume de contos infantis, «Ana de Salto Alto», que no momento está entre os cinco livros mais vendidos da Feira do Livro de Porto Alegre. Depois disso, Caparelli publicou um novo livro juvenil, «Vovô fugiu de casa», que está tendo grande aceitação. Hoje, ele é autor exclusivo da editora L&PM e, segundo palavras da professora Maria Helena Martins, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, «ele é uma das maiores revelações da área infanto-juvenil não só no país, mas em toda a América Latina».

Texto simples, agradável, Caparelli caiu no gosto das crianças e esta é uma das razões porque se sente animado a continuar nas bitolas na literatura infanto-juvenil, embora tenha começado, a todo vapor, escrevendo para adultos. «A grande efervescência literária do momento acontece mesmo é nessa área», afirmou ele, que até definiu 1970 como o ano a partir do qual a produção nacional do gênero começou a substituir, nas livrarias e nas escolas, a enraizada profusão de títulos estrangeiros.

«Nada tínhamos a ver realmente com aqueles castelos, reis, dragões e fadas-madrinhas», diz Caparelli. «O Brasil não teve idade média e nossa realidade sempre foi outra, muito diferente disso». Como a literatura da maioria dos autores do momento, os enredos de Caparelli são absolutamente «pé no chão». A novela sobre os «meninos da rua da praia», por exemplo, conta a história de três pequenos jornaleiros que encontram uma tartaruga e a tomam como mascote. A história do «vovô que fugiu de casa» é algo que fica entre o pungente e o dramático, mas nada distante do que acontece em boa parte das famílias onde haja pessoas de idade muito avançada: incompreendidos, o netinho e seu avô decidem sair de casa e, uma vez que isso aconteceu, passam por uma série de peripécias.

O texto realista de Caparelli tampouco significa que ele seja radicalmente contra a fantasia em literatura para crianças e adolescentes. «Acho a linha mágica saudável e interessante», diz ele, «desde que o mágico, o maravilhoso, o fantástico tenha uma âncora na realidade vivida pelo leitor. Do contrário, é fuga». Segundo ele, há quem utilize as fantasias de idade média — reis, príncipes, princesas, dragões — como recurso de desmistificação, como em «Histórias meio ao contrário», de Ana Maria Machado.

Problema de lazer num bairro

Os moradores da Vila Boa Vista reunem-se hoje, às 20 horas, na Rua dos Ipês Amarelos, 111, juntamente com os do Parque Vila Norte, para debater o problema do lazer naquela região. Eles vão pleitear da Prefeitura a construção de um campo de futebol, em um terreno municipal ali localizado. Os promotores desse movimento, sob a liderança do sr. João Rocha, afirmam que a inexistência de um local adequado para o lazer e futebol leva os meninos e os jovens a praticarem esse esporte em plena via pública. Comerciantes dos bairros estão dispostos a colaborar com a Prefeitura, na hipótese dela atender o pedido.

1.a Turma de Direito da PUC

Todos os formandos da 1.a Turma de Bacharéis da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Campinas estão sendo "intimados" a comparecer, no dia 12 de dezembro, aos festejos comemorativos do 25.o aniversário de sua formatura.

Esta "intimação", em forma de convite, está sendo distribuída pela Comissão Organizadora dos Festejos, coordenada por José Conceição Nascimento aos formandos de 1956. No convite, a afirmação de que "a festa será inesquecível... um dia de muita alegria e de gratas recordações daqueles saudosos tempos vividos no Pátio dos Leões".

Os formandos têm até o próximo dia cinco para confirmar sua presença e informar-se da programação, ligando para a PUC Central, telefone 2-7001 e conversando com a telefonista.

CCLA lembra centenário de Amilar

Teatrólogo, autor de várias peças, "João da Mata", "Fernão Dias" e outras, cineasta, tendo sido o diretor e o produtor do primeiro filme de enredo e de longa metragem realizado no Brasil, em 1923, Amilar Alves será lembrado no próximo dia 23, quando da passagem do centenário do seu nascimento. O Centro de Ciências, Letras e Artes, do qual Amilar Alves foi diretor — desenvolverá o programa comemorativo, com o apoio do Cine Clube Caracol, mandando celebrar missa, às 9 horas, na Basílica do Carmo, com a presença dos familiares e amigos, seguindo-se em romaria ao Cemitério da Saudade.

Plantão de reportagem

telefones
31-9277
31-2947

CORREIO POPULAR

Na Feira dos universitários até gatos foram vendidos.

Até o Trio Los Panchos na Feira dos Estudantes

Quatro gatos, duzentos pintinhos, borboletas douradas presas às gargantilhas, gravações antigas do Trio Los Panchos em 78 rotações, livros, desde "Função dos Intelectuais numa Sociedade de Classe" até um Harold Robbins, bem ao gosto popular. A Feira "De Tudo um Pouco" justificou ontem seu nome e atraiu muita gente. Era difícil passar pelo Largo do Rosário, bem em frente ao Palácio da Justiça e não ouvir os gritos dos "marreteiros" professores e alunos da Universidade Estadual de Campinas.

E depois de atender aos apelos de "venha comprar", "tudo barato", era realmente difícil resistir aos preços. Um volume de Erico Veríssimo custava somente 250 cruzeiros, e as bijuterias iam de 20 a 50 cruzeiros. Para a Unicamp — que procura arrecadar fundos que permitam atividades de resistência à crise — tudo era lucro. Alguns dos artigos eram prendas oferecidas por estabelecimentos comerciais, mas a grande maioria foi reunida mesmo pelos alunos das faculdades e institutos, que apelaram a todos os conhecidos. Embora os preços fossem menores que os da primeira feira — realizada há quinze dias — o volume de artigos era maior, e se conseguiu atingir mais que os 85 mil cruzeiros da "De tudo um Pouco I".

SEU RELÓGIO NÃO FUNCIONA?
Consertos de relógios com peças originais suiças e regulagem com aparelhos eletrônicos. Garantia absoluta com certificado.
JOALHERIA William
Campinas
Shopping Center Iguatemi - Lojas 9-10-11-2.º piso. São Paulo
Rua Pamplona, 1831 (entre rua Ceconde e Estados Unidos)
Praça da República, 189 (esquina Marquês de Itú)
Av. Paulista, 2027 (Conjunto Nacional)

Dia 27 a crise será examinada pela CCT da Câmara Federal

Senadores confirmam presença na Unicamp

Os senadores Teotônio Vilela, Franco Montoro e Tancredo Neves confirmaram sua participação numa reunião que a Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara Federal realizará dia 27 em Campinas, para discutir os problemas derivados da crise da Unicamp. Além do presidente da Comissão, deputado Bento Gonçalves (PP) e dos senadores, deverão estar presentes representantes do Conselho Nacional de Pesquisa e do Ministério da Educação e Cultura.

Segundo o secretário-geral da Associação de Docentes da Unicamp, José Benedito Schneider — que manteve os contatos com a Comissão de Ciência e Tecnologia — deverão ser convidados também cientistas de renome nacional. A Comissão da Câmara Federal pretende, na reunião, analisar os prejuízos para a pesquisa científica e tecnológica decorrentes da crise que já dura mais de um mês, na Universidade Estadual de Campinas.

PESQUISADORES

Para a Associação dos Docentes, esses prejuízos não se referem apenas aos aspectos imediatos, de atrasos no desenvolvimento de inúmeros projetos. Os professores enfatizam que mesmo a longo prazo as consequências negativas serão sentidas, já que se a crise não tiver uma solução satisfatória, muitos pesquisadores poderão deixar a Unicamp. Enquanto isso, o reitor Plínio Alves de Moraes continua recusando-se a receber a comissão de negociação composta de docentes, alunos e funcionários.

A única alternativa de solução, segundo a Comissão de Defesa da Unicamp, será dada pelos esforços de outras áreas, principalmente pelos políticos. Isso se verifica em decorrência da proximidade do término do ano letivo — marcado para 18 de dezembro — quando se acredita que poderá haver uma desmobilização parcial dos setores que protestam contra a intervenção do Conselho Estadual de Educação e do secretário da Educação, Luís Ferreira Martins na Unicamp.

Professores em campanha para aumento salarial

Os professores das escolas particulares de Campinas lançaram ontem a campanha para o acordo salarial a ser firmado em março do ano que vem. Segundo o presidente do Sindicato dos Professores da Rede Particular (Sinpro), Augusto Cesar Petta, embora o lançamento possa parecer prematuro, a campanha salarial dos professores promete ser uma das maiores já registradas na cidade.

Nos últimos 30 dias, a diretoria do Sinpro realizou 40 reuniões em 23 escolas para discutir com os professores os tópicos a serem negociados com os patrões, visando ampliar conquistas salariais e outras vantagens que constarão do protocolo a ser firmado na época do dissídio coletivo. Na assembléia de ontem, o assunto foi fartamente discutido de acordo com as propostas estabelecidas durante as 40 reuniões.

Entre as propostas de alteração do protocolo deste ano, os professores discutiram a possibilidade de incluir a gratuidade integral em todos os cursos de graduação e pós-graduação para os filhos e dependentes dos professores nas empresas escolares em que trabalham. Em termos de novas propostas, as discussões giraram em torno de se conquistar remuneração mínima de 10% sobre o salário referente ao total de aulas dadas, destinada exclusivamente ao pagamento do tempo gasto na preparação de aulas e na correção de provas e exercícios.

Além disso, os professores pretendem incluir no próximo Protocolo um item especial para garantir a estabilidade de emprego de 1.o de março de 1982 até 28 de fevereiro do ano seguinte.

HOSPITAL SAMARITANO CAMPINAS
PRONTO SOCORRO
Dia e Noite
ATENDE-SE CONVÊNIOS E PARTICULARES
RUA ENG. MONLEVADE, 206 — FONES: 32-5700 E 2-3433 — CAMPINAS

ESGOTO REPRESENTA MAIS SAÚDE E MENOR MORTALIDADE INFANTIL
Faça a Sua Ligação de Esgoto
O Saneamento Básico representa mais saúde, higiene e bem estar, sendo ainda um benefício que reduz a mortalidade infantil. Se você reside num dos bairros abaixo relacionados, e ainda não conta com o melhoramento, peça sua ligação. (Verifique se a rede de esgoto já foi implantada na sua rua). Assim você estará ajudando a sua família, e também o seu bairro.
JARDIM LONDRES — JARDIM MÁRCIA
JARDIM NOVO CAMPOS ELISIOS — JARDIM CAPIVARI
JARDIM CAMPOS ELISIOS — JARDIM ALVORADA
JARDIM SANTA LUCIA — JARDIM IPIRANGA
JARDIM YEDA — JARDIM SANTA MÔNICA
Pedidos de ligação: Rua Regente Feijó, 859 — guichês 15 e 16, maiores informações — 31-6166 ramal 29.
SANASA-CAMPINAS
(4707) 4, 11, 18, 25|10

CECCATO O MAIOR
3 DIAS DE OFERTAS SENSACIONAIS!
Assadeira de alumínio reforçado
No. 4 ... 245,
No. 3 ... 175,
Jogo para caipirinha com 5 peças, ricamente decorado, embalagem para presente.
295,
Copo para chopp
Apenas
45,
Heringlândia escolinha, lojinha, casinha e bombeiro. Você mesmo monta.
345,
Oferta do Salão da Criança
Pipinela, a privadinha educativa para criança, ótimo presente.
785,
Oferta do Salão da Criança
CECCATO O MAIOR
A maior Loja de presentes da cidade
Tudo pelo crediário
Sirva-se da nossa lanchonete.
ONDE TUDO É MAIS BARATO
Rua 13 de Maio, 231 — Convívio